



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## **TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR**

### **CIDADES: PROBLEMA OU SOLUÇÃO?**

**Marcos Roberto Inhauser**

Lembro-me que na adolescência li um livro intitulado “O futuro das cidades”, onde o autor afirmava que as cidades, um dia, acabariam com os campos, dado o crescimento delas. Esta afirmação do autor até hoje mexe comigo. Quando olho para certos espaços ermos da minha cidade onde na adolescência eu neles brincava e que hoje são bairros populosos, quando viajo de Jundiá até Rio Claro e vejo que as várias cidades ao longo da Anhanguera estão praticamente unidas entre si, aquela afirmação me volta à mente: as cidades vão matando os campos.

Esta leitura da adolescência influenciou minha forma de ler a Bíblia. Durante muito tempo eu lia os relatos bíblicos que envolviam cidades e tinha delas uma visão pessimista. Eram acúmulo de violência e promiscuidade. Exemplo disto eram Sodoma e Gomorra.

Outro elemento nesta minha visão pessimista das cidades era que Deus havia dado aos seres humanos um jardim e não uma cidade para morar, indicação clara de Sua opção pelo agrário em detrimento do sedentarismo citadino. Quem vive na cidade não tem condições de produzir seu próprio alimento, mas depende de quem vive no campo. Este por sua vez, deve produzir para si e para os que na cidade vivem. Certo dia, fui convidado para realizar um culto de gratidão a Deus pelo aniversário de uma cidade. Fui reler os textos bíblicos e me saltou à vista que a criação começa com um jardim, de onde os seres humanos são expulsos e termina com a promessa de uma cidade eterna (a Jerusalém celestial). Isto me levou a pensar que houve uma expulsão do jardim e que na história da humanidade há milhões que têm passado pela mesma experiência. Eles foram expulsos pelas dívidas contraídas, pelo preço dos insumos, pelos baixos preços pagos aos produtos, pelo agronegócio, pela concentração das terras nas mãos de uns poucos. Aí está o MST para provar isto.

No entanto, há uma legião incontável de pessoas que, vivendo no jardim, se deixaram fascinar pelas belezas e promessas da cidade, que lhes pareceu bela, eterna, promissora. Fascinados, abandonaram o jardim e ingressaram nas periferias de suas cidades desejadas e sonhadas. O crescimento destas às custas do esvaziamento do campo trouxe mais problemas que solução.

Se por um lado esta mão de obra campesina agora vivendo na cidade ajudou a baixar o custo de serviços essenciais (construção civil, reformas, empregadas domésticas, serviços) a cidade não conseguiu incorporar estes migrantes de forma a fazê-los sentir-se parte delas. A cidade para muitos, da esperança inicial, da beleza e eternidade sonhadas, se transformou em decepção e opressão. Ainda há lugar para uma cidade celestial, igualitária, envolvente e aconchegante, segura e pacífica.

Esta cidade sonhada e prometida deve ser buscada pelas autoridades, pelos políticos, e por cada um dos cidadãos. Em particular, os cristãos que acreditam na Nova Jerusalém, não devem se acomodar esperando que isto ocorra no futuro, mas devem, tomando como exemplo o modelo prometido, trabalhar para a viabilizar no presente algumas das características da cidade sonhada e esperada.